



VILAS IMAGINÁRIAS







"Feliz o país que não tem geografia."
Saki (H. H. Munro), The Unbearable Bassington

Isabel Saraiva Gaspar Guedes



VILAS IMAGINÁRIAS

Edificando vilas imaginárias através do desenho

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado de Graduação em
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para a obtenção
do título de Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Artes Gráficas
Orientador (a): Prof. (a) :Marcelo Drummond

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2016

Dedico este trabalho a Deus,
pela força e esperança que me concedeu para sua conclusão.
Agradeço muito a minha família,
pelo apoio na escolha deste curso e pelo cuidado e doação para comigo.
Aos meus amigos, especialmente Marianna, Tâmara, e Magali,
pois muito me ajudaram na finalização deste.
Ao meu companheiro Augusto,
por me sempre incentivar nos meus projetos.
E aos professores que passaram pela minha vida,
especialmente Marcelo Drummond, Elisa, Kraiser, e Vlad.



INTRODUÇÃO

A pesquisa visa relacionar e aproximar a série de desenhos produzidos com o termo cartografia imaginária. Esses desenhos foram inspirados em alguns aglomerados de Belo Horizonte, locais que visitei e com os quais me identifiquei desde a infância.

O aprimoramento dos desenhos produzidos foi possível graças à exploração de livros como “Cidades Invisíveis” de Italo Calvino e do “Dicionário de Lugares Imaginários” de Alberto Manguel. Neste último, encontrei o termo “a cartografia imaginária”, utilizado pelo autor como uma estratégia de estudo de lugares imaginários, colocando em xeque o diálogo entre a geografia e a imaginação, o real e o imaginário. Assim, constatei a identidade do trabalho do autor com o que produzi e quis relacionar toda essa produção sobre lugares da minha imaginação com o termo cartografia imaginária.

O desafio, então, foi lançado: Como relacionar o termo “cartografia imaginária” com os meus desenhos?

O ponto de partida foi uma viagem através da história da humanidade, ressaltando o interesse do homem em registrar os territórios e lugares avistados nas diversas superfícies encontradas desde a pré historiia.

Em seguida, parto para estudo do território como ciência, a cartografia, procurando mostrar as evoluções ocorridas ao longo dos anos e às tecnologias utilizadas para explorar melhor a superfície terrestre. E aqui vale ressaltar que não tive interesse em apresentar uma análise aprofundada e exaustiva sobre essa ciência, mas busco nela subsídios para alimentar e respaldar a prática artística.

Realizo, ainda, uma aproximação da ciência com a imaginação, evidenciando quais são as discrepâncias possíveis e como esses dois campos se conectam. Esta pesquisa estabelece, também, diversas conexões entre a cartografia e a imaginação dentro do contexto das artes visuais.

A cartografia imaginária é apresentada como um estudo dos registros da imaginação, por isso o trabalho traz um número considerável de fotos, mas que oferecem uma base para a fundamentação de um trabalho, o qual teve como ponto de partida as experiências vividas nos lugares onde se passou minha infância.

Acessar o passado foi uma potente ferramenta de busca das referências afetivas e imagéticas utilizadas na elaboração da série de desenhos das vilas imaginárias.

Após discorrer sobre o que precedeu a criação desta série, descrevo os primeiros desenhos realizados, quando o meu olhar se prendia apenas ao mundo real para, em seguida, traçar o percurso evolutivo destes até chegar a uma produção voltada para a releitura poética dos aglomerados de Belo Horizonte.

Procuro explicitar, ainda, o processo de criação e edificação das vilas imaginárias, bem como as técnicas utilizadas, os elementos constitutivos e suas recorrências presentes nas composições e seus muitos habitantes.

No percurso da pesquisa, elegi três artistas para dialogar com o meu processo de criação, quais sejam: Lorenzato (1900-1995), artista local que toma como tema o casario e arquitetura de lugares humildes da capital mineira; Paul Klee (1879-1940), não só por ter dedicado muitos dos seus trabalhos às construções, mas principalmente pela poética nitidamente marcada pelo seu olhar particular, finalmente, Pieter Bruegel (1525-1569) que, no período do Renascimento, lançou um olhar panorâmico sobre as cidades com sua rotina e seus costumes, tendo inclusive numa de suas obras retratado um povoado imaginário, que será melhor detalhada no corpo dessa pesquisa.

Integrado ao presente texto há um ensaio visual, onde apresento uma revisita a esses lugares que edifiquei a partir da minha prática artística. Da exploração desses lugares, extraem-se cenas, acontecimentos e personagens e, para mostrar um pouco deste processo, foi editado um livro composto de imagens em plano detalhe e poemas que evidenciam a potência poética dessa geografia.





SUMÁRIO

1. ESTUDO DE PROSPECÇÕES: O TERRITÓRIO HABITADO PÁG.15

1.1. Mapa geral: visão panorâmica Pág.16

O mapeamento desde o surgimento do homo sapiens ao longo da história da humanidade até a contemporaneidade, além de uma visão panorâmica, ou seja dados evolutivos mais exponentes, dos recursos de mapeamento.

1.2. Cartografia Imaginária Pág.22

A relação entre a cartografia e a imaginação e o uso da cartografia para exploração do meu objeto de estudo na arte. Razão x imaginação > precisão x ficção.

2. CARTOGRAFIAS DA REMEMORAÇÃO PÁG.25

2.1 Cartografia de vida afetiva: a infância Pág.26

Uma revisita à infância e as memórias vividas, na sua moradia, no colégio em que estudava e o incentivo dos pais no seu olhar sobre o mundo e sobre as artes.

2.2 Cartografia de vivências: as vilas Pág.31

Um aspecto social e geral das vilas: Descrição pessoal e reflexão sobre as comunidades

3. RECONSTRUINDO A CARTOGRAFIA PÁG.40

3.1 Reconstruindo a cartografia das vilas Pág.41

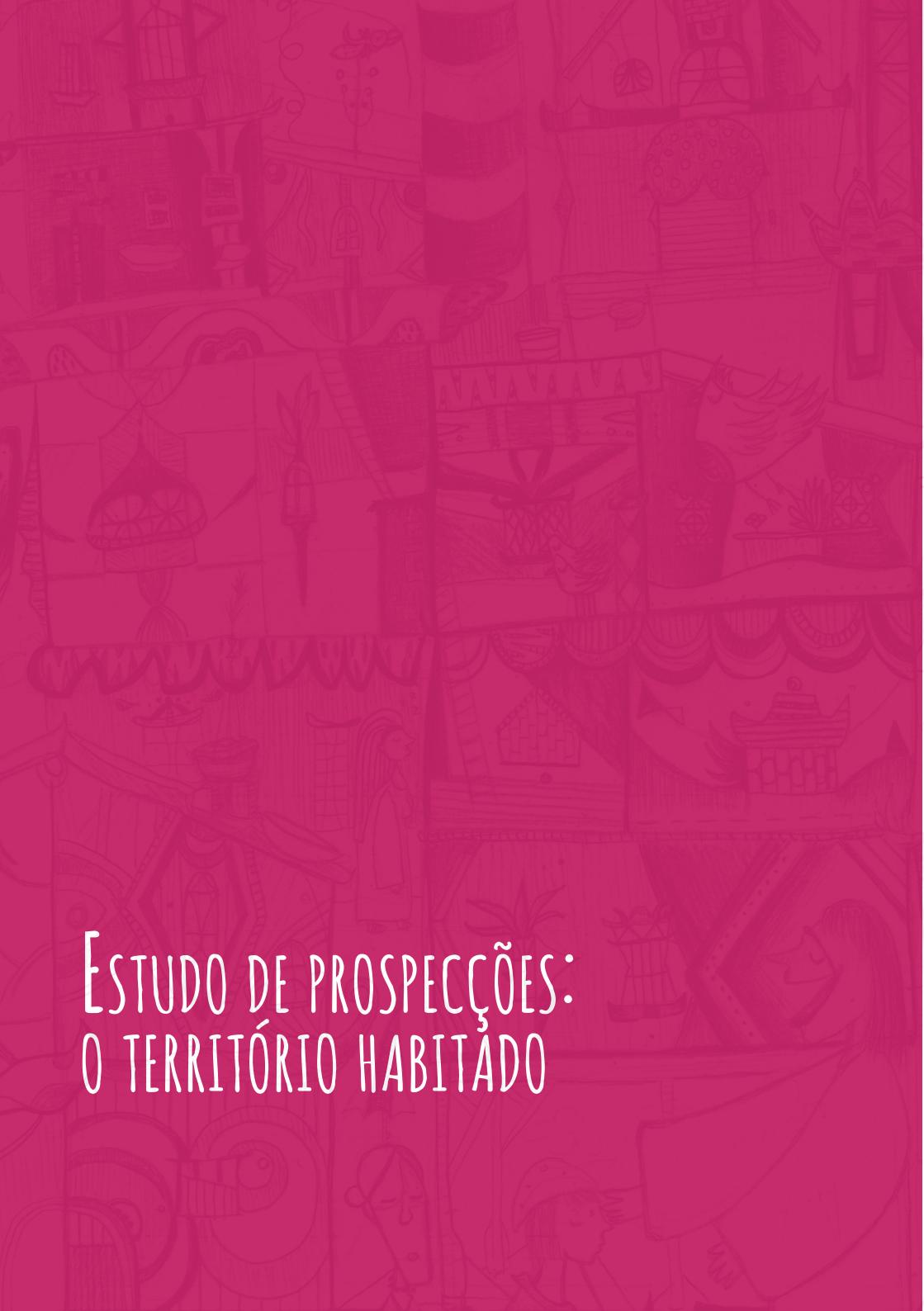
O desejo de mudar as vilas fez com que a utopia desse lugar à arte e à imaginação através da prática artística.

3.2 Processos evolutivos Pág.45

Edificação das “vilas” da artista > lugares fantasmas, desabitados > evacuados > convite a reocupação, retorno dos seus moradores.

3.3 As Vilas e suas estórias emergentes Pág.47

Através dos desenhos surgiram textos poéticos que são uma descrição individual desses lugares. Narrativas visuais x Narrativas textuais



ESTUDO DE PROSPECÇÕES: O TERRITÓRIO HABITADO



1.1. MAPA GERAL: VISÃO PANORÂMICA

Uma história
Que se constrói
E se desfaz
Momento a momento
Alimentando-se
De instantes
Distantes
Próximos
Tão longe
Bem perto...

(GUIMARÃES, 2003, p. 56)

A expressão “*homo sapiens*” originou-se do latim, “sábio”. Essa espécie de animal primata bípede é a única do seu gênero que sobreviveu, sendo capaz de morar até hoje neste vasto território chamado planeta Terra.

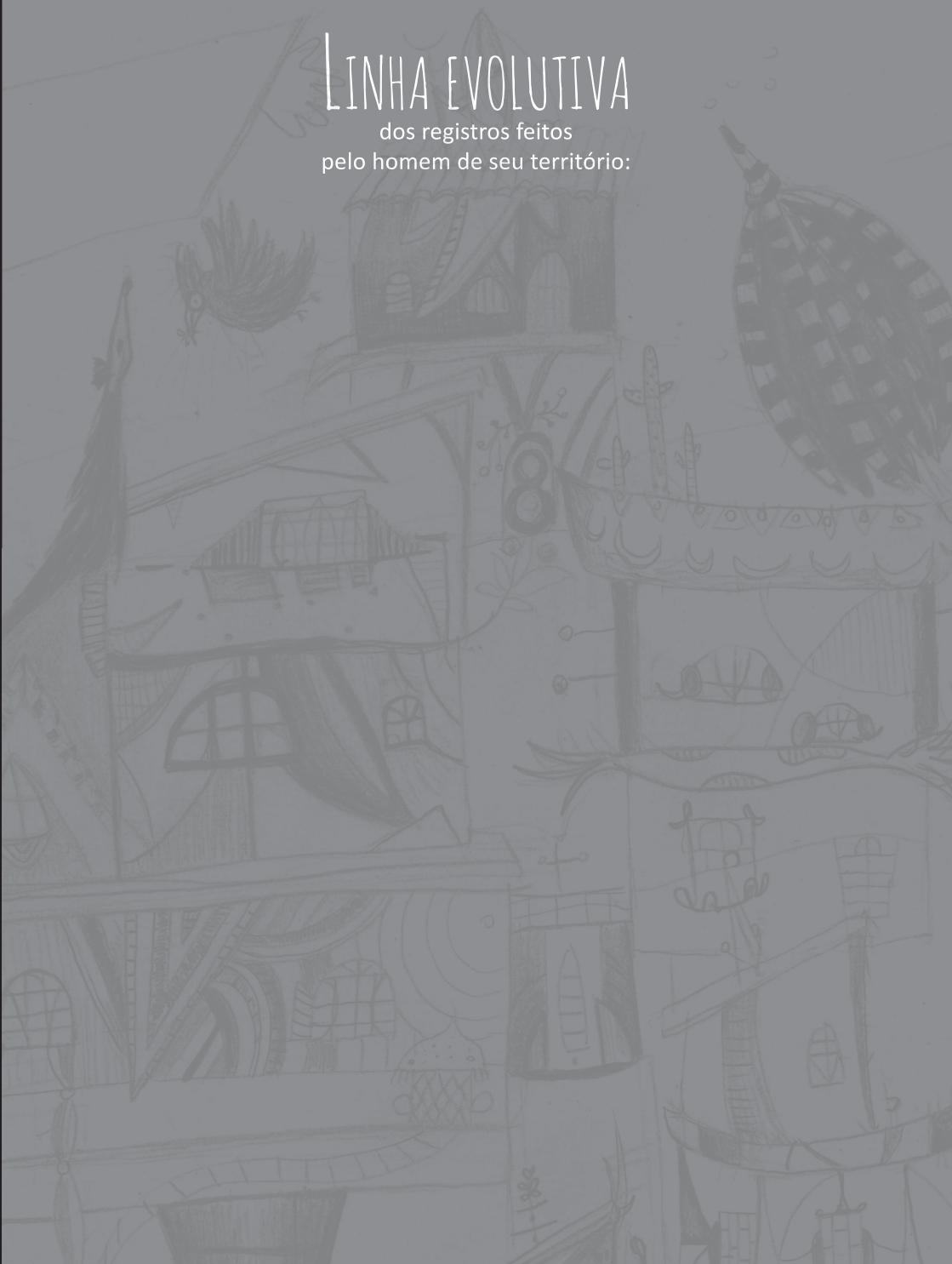
Ainda hoje, esse ser é obrigado a travar muitas lutas no espaço em que ocupa para alimentar-se, abrigar-se, enfim, sobreviver. E, como humano que é, traz em si seus medos, angústias e frustrações, originários dos muitos enfrentamentos com a natureza e com sua própria espécie.

O homem, até mais ou menos 10.000 a.C, era nômade e foi se sedentarizando aos poucos e, antes mesmo de estabelecer a comunicação através da escrita, por volta de 4.000 a C, já sentia necessidade de delimitar seu espaço.

Nos espaços em que ele viveu, é que traçou sua comunicação, cravando em pedras, madeiras, peles de animais, conchas e tecidos o que existia ao seu redor e aquilo que podia imaginar de mundo.

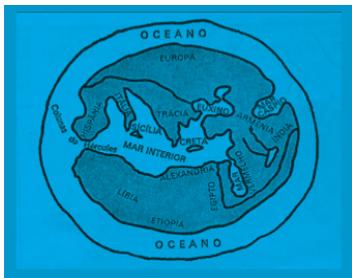
LINHA EVOLUTIVA

dos registros feitos
pelo homem de seu território:



Todos os registros apresentados revelam uma necessidade humana em ampliar os conhecimentos do seu habitat. Ao longo dos anos, o volume dos estudos feitos sobre o território era tão grande e importante, que esse conhecimento das representações territoriais tornou-se ciência, a cartografia.

Vários estudiosos contribuíram para o desenvolvimento dos estudos cartográficos, principalmente os de origem grega. Em 500 a.C, temos o primeiro livro escrito sobre os mapas, feito por Hecateu de Mileto.



Este mapa representa o Mundo conhecido pelos gregos no século V a.C. A Terra era considerada como um disco, ao redor do qual corriam as águas dos oceanos. O Mundo conhecido era constituído de dois continentes (Europa e Ásia) separados pelo Mar Mediterâneo, O Mar Negro e o Mar Cáspio. (CARTOGRAFIA, 2012, p. 1) (2)

Os estudos dos mapas foram evoluindo com trabalhos de Aristóteles, Erastóstenes e Ptolomeu, mas muitos deles, em decorrência dos incêndios intencionais, foram destruídos na Idade Média, e só temos conhecimento deles, devido às traduções árabes.

"Os céus são divinamente perfeitos e os corpos celestes só podem se mover segundo a mais perfeita das formas: o círculo." ARISTÓTELES (3)

Os estudos seguiram sem importantes descobertas, até que no século XV o expansionismo europeu obrigou os países a investirem mais nas grandes navegações e, com isso, veio a necessidade de se ter um conhecimento mais apurado sobre os mares e as fronteiras territoriais a serem exploradas.

Nessa época, os países europeus travavam intensas disputas no âmbito daquele que detinha as informações territoriais mais precisas. Por isso, decidiram que todas as ciências que envolviam a navegação eram consideradas segredos de Estado, inclusive a cartografia, chegando-se ao extremo de condenar à morte aquele que viesse a dar vazão às informações cartográficas.

Importantes avanços vieram com as pesquisas de Nicolau Copérnico (1473-1543), Galiléu Galilei (1564-1643) e Johannes Kepler (1571-1630). Esses cientistas acreditavam, que a terra não era o centro do universo e, através dos seus estudos, compreenderam melhor as dimensões terrestres.

Na história da cartografia foi marcante o uso de vários instrumentos tecnológicos, como a bússola, o telescópio, o astrolábio. Essas tecnologias permitiram aos estudiosos explorar o globo terrestre de vários ângulos e formas.

Dentre os marcos históricos da Cartografia destacamos o uso associado de imagens fotográficas, disponíveis após os experimentos bem sucedidos de fixação da fotografia por Joseph Niépce (1765 –1836)e por Louis Dagerre (1787 –1851) no início do século XIX, em combinação com as técnicas de visualização das imagens estereoscópicas tridimensionais já conhecidas e os balões, seguidos das aeronaves inventadas no inicio do século XX, permitiram as tomadas fotográficas aéreas que deram os primeiros passos para o mapeamento sistemático, tendo como produtos mapas topográficos de grandes extensões do território. (FREITAS, 2014, p.2) (4)

Já no século XXI temos um mero sistema de posicionamento global (GPS), este que registra bilhões de acessos diários e que antes fora utilizado somente para fins militares, como na Segunda Guerra Mundial.

Atualmente, por meio do celular, é possível nos deslocarmos para qualquer região do planeta, por isso não há mais dúvidas quanto à exploração do nosso território de terra firme.

Embora a exploração física do planeta já tenha ultrapassado muitas barreiras e encontrado respostas para muitos questionamentos, o ser humano continuará vivendo com sede de respostas para os muitos questionamentos que brotam de sua alma.

Quer nos desloquemos verdadeiramente ou em imaginação, quer partamos para o mundo com a mente e o coração de um peregrino ou confiemos na pretensão de a biblioteca (nas palavras de Borges) ser o outro nome do Universo, somos animais migratórios. Estamos condenados a deambular. Algo nos atraí

para o outro lado do jardim, da rua, do rio, da montanha – como se o que temos aqui fosse apenas a causa (ou consequência) do que está além, e ainda mais além. (MANGUEL, 2013, p. xv) (5)

As descobertas do homem sobre o seu território evidenciaram como é relevante para o homem explorar o território habitado e me fizeram descobrir, como artista, a importância da exploração do território da imaginação e, através do desenho, fazer novas descobertas sobre ele.

Cada ser tem dentro de si um mundo que, às vezes, é tão vasto que lembra o universo na sua infinitude. Um mundo que pode ser imaginado, recriado, revisitado, cartografado. Esse é o meu planeta, esse é meu mundo.

Se pensarmos com os olhos da ciência, seria impossível explorar o lugar do imaginário, pois ele não se manifesta em nosso mundo concreto. Mas estamos aqui no campo das Artes Visuais onde, segundo KLEE, “ A arte não reproduz o visível, ela torna-o visível.”

Para cartografar este mundo, fiz o caminho de volta à lugares onde morei, a lugares que somente visitei e a lugares que imaginei para, finalmente, descobrir o caminho das experiências que lá vivi no campo da arte. Pude explorar imaginariamente percursos que fiz durante essa revista aos lugares do passado e relacioná-los a percursos e deslocamentos que faço de um lugar a outro no meu dia a dia.

Penso que, como no conto de “João e Maria”, não marquei muito bem as trajetórias que fiz da infância até a idade adulta. Mas com o apoio dos pontos cardeais da minha imaginação: Infância<>Idade Adulta, Vilas<>Lugares Nobres/Bairros, Imaginação<>Realidade e, seguindo os resquícios de pãezinhos que deixei cair pelo caminho, trago nesta pesquisa um pouco do que comprehendi sobre minha cartografia imaginária.

Em caminho para a floresta, Joãozinho esfarelou-o no bolso e, de quando em quando, parava a fim de, jeitosamente, deixar cair as migalhas.

-Que tanto olhas para trás, Joãozinho, e por que te demoras? - perguntou o pai.

-Estou olhando para o meu pombinho que está a dizer-me adeus de cima do telhado.

Entretanto, o menino fora esparramando, pouco a pouco, as migalhas pelo longo caminho. Dessa vez a madrasta conduziu as crianças ainda mais para o interior da floresta, para um lugar em que jamais haviam estado. Acenderam, novamente, uma grande fogueira e ela disse-lhes:

-Ficai aqui, quietinhos, meninos. Quando estiverdes cansados, deitai-vos e dormi um pouco; enquanto isso, nós iremos rachar lenha e, à tarde, ao terminar nosso trabalho, viremos buscar-vos. A meio-dia, Margarida repartiu-se uma pedaço de pão com Joãozinho, que havia espalhado o dele pelo caminho. Depois adormeceram e anoiteceu; mas ninguém foi buscá-los. Acordaram quando ia alta à noite e a menina pôs-se a chorar. Joãozinho consolou-a, dizendo:

-Espera até surgir a lua, aí então veremos as migalhas de pão que espalhei e por elas encontraremos o caminho de casa.

(GRIMMSTORIES, p.1) (6)

1.2 A CARTOGRAFIA IMAGINÁRIA

A viagem que embarquei é sinuosa, plena de avanços e recuos, pois parto de um recurso geográfico/científico, a cartografia, para estabelecer uma relação dessa ciência com algo que não é palpável, a imaginação. Esta, apesar de irracional, se mostra como um elemento rico e construtivo de conhecimento, que instrui a ciência a encontrar respostas para tantas perguntas, inclusive na cartografia.

Buscando uma localização exata de pontos, estabeleceram-se dois eixos imaginários relativos à esfera terrestre: a linha do equador (horizontal) e o meridiano de Greenwich (vertical). Acima da linha do equador temos o hemisfério Norte e abaixo temos o hemisfério Sul variando de 0º a 90º (acima positivo e abaixo negativo). O meridiano de Greenwich orienta as localizações no sentido de Leste a Oeste (0º a 180º), sendo ele o principal referencial dos fusos horários. (COORDENADAS, p.1) (7).

Partindo da arte, faço menção à cartografia para que haja a compreensão da minha prática artística. O território que busco explorar é um mundo interior de uma complexidade sem limites.

A nossa geografia imaginária é infinitamente mais vasta do que a do mundo material. Esta observação, por muito banal que seja, permite-nos detectar a generosidade imensa de uma função humana vital: a de dar vida ao que não pode reclamar presença no mundo do volume e do peso... É seguindo as geografias imaginárias que construímos o nosso mundo: o resto é apenas confirmação. (MANGUEL, 2013, p. xii) (8).

A cartografia imaginária existe dentro de cada um de nós. Basta a gente compreendê-la e utilizar as ferramentas certas para acessá-la. Explorando as periferias da minha consciência, comprehendi que temos um tesouro guardado no nosso inconsciente, como bem disse Thomas Browne: “Carregamos dentro de nós as maravilhas que buscamos fora de nós.”

“Encontra o seu estilo quem não pode fazer outra coisa. O caminho para o estilo: GNÓTHI SEAUTON (Conhece-te a ti mesmo).” (KLEE, 1898, p. 197. (9)

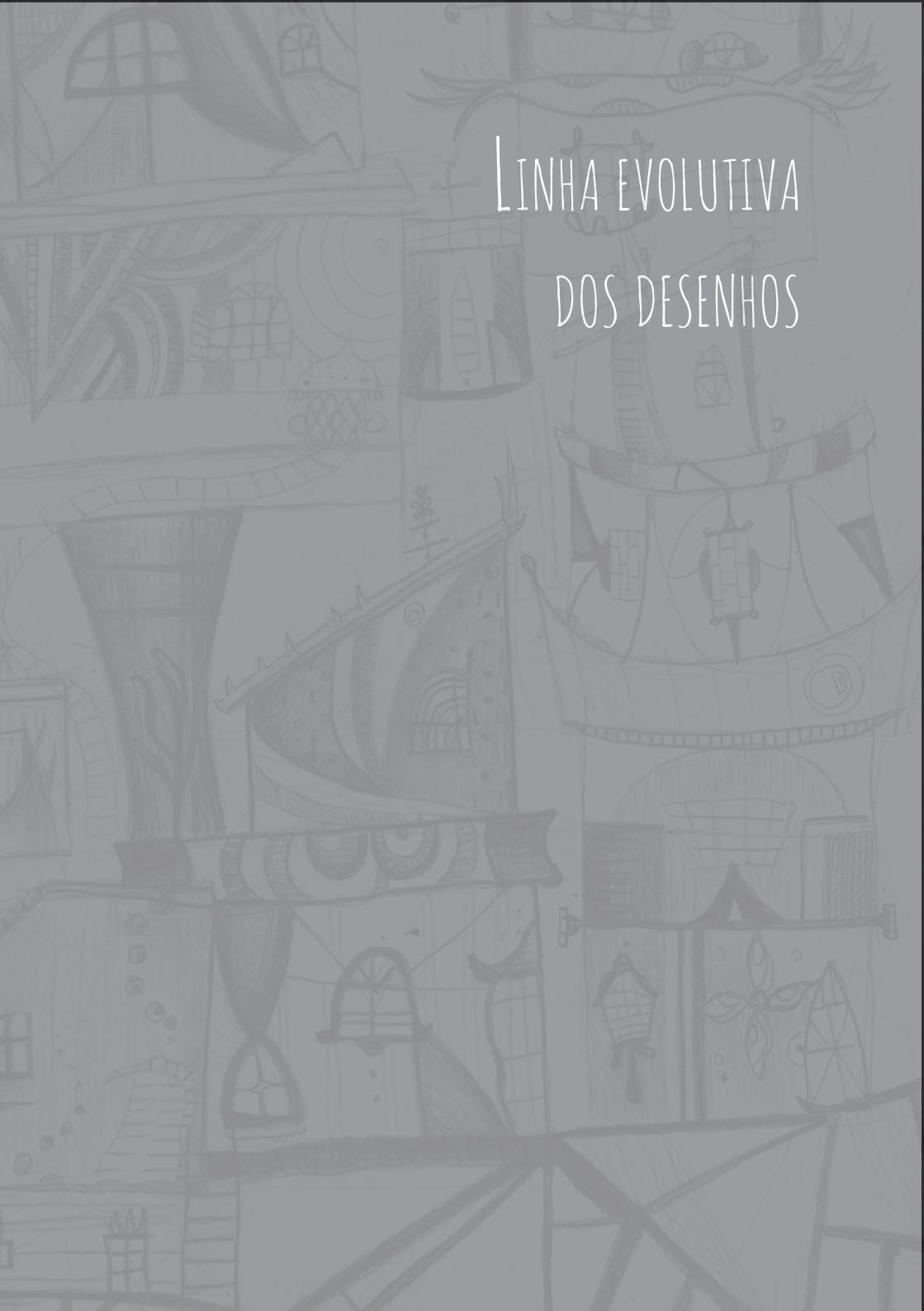
As linhas por mim imaginadas clamam pela presença no suporte e estão próximas da mente e da fantasia. A fantasia da minha imaginação manipula e converte os elementos da minha memória para uma nova realidade. A realidade e a materialidade do suporte do papel.

Os estudos cartográficos se voltam muito para uma visão mais panorâmica do território. Mas hoje podemos utilizar, através da internet - google maps e o recurso do street view-, além da visão panorâmica, pontos de referência e a visão frontal da região que se deseja encontrar. No entanto, nos desenhos que desenvolvi encontra-se somente a visão frontal das vilas imaginárias.

O grafite convida-me para explorar e ocupar gradualmente o território de uma folha em branco. Esta superfície se torna, a partir dos desenhos, terra habitada, território de muitas descobertas.

O grafite desbrava, assim, um território invisível. Através desta linguagem do desenho, posso me perder, me encontrar, errar, navegar, avançar, emergir, buscar e explorar. Dessa forma, redescubro o meu passado e o que restou dele dentro de mim.

Tecer a minha própria cartografia imaginária por meio do desenho é, acima de tudo, me reconhecer como terra e como construtor do meu próprio imaginário.



LINHA EVOLUTIVA DOS DESENHOS



CARTOGRAFIAS DA REMEMORAÇÃO



2.1 INFÂNCIA: CARTOGRAFIA DE VIDA

A criança é um ser em contínuo movimento. Este estado de intensa transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, atento e experimental. Seu olhar aventureiro espreita o mundo a ser conquistado. (DERDYK, 1994, p. 12) (10)

A criança tem muita facilidade e naturalidade para fazer a junção do real, concreto, com o imaginário, o sonho, não estabelecendo barreiras entre esses dois mundos e deixa em evidência a importância da consciência do sonho, do devaneio e do imaginário.

“ A criança quer a vida de verdade, como ela lhe aparece, envolta em brincadeiras, vestida com suas fantasias.” (KLEE, 1959, p. 84)

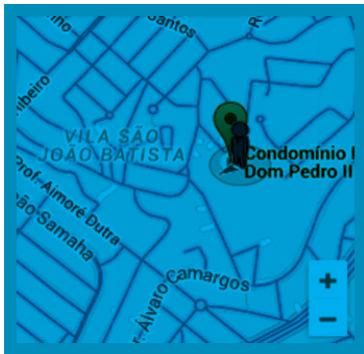
Para compreensão do surgimento do meu trabalho e de seus muitos desdobramentos, convido a todos para conhecer uma breve, mas significativa retrospectiva para alguns momentos da minha infância.

CARTOGRAFIA DE VIDA: MORADIA E ESCOLA

Coordenadas da região em que morei durante a infância:

19°49'21.1"S 43°57'39.0"W Período: De 1994 a 2006

Durante os dez primeiros anos de vida, morei em um condomínio popular, localizado na região norte de Belo Horizonte, lugar de tradição e costumes simples e humildes. Lá, tive oportunidade de conviver com mais de duzentas outras famílias, moradores que partilhavam um espírito de união e companheirismo, onde pude observar as mais diversas histórias de vida.



Condomínio D. Pedro II, Rua Emanuel Marzano Matias, 110, Bairro São João Batista, BH: 1^a residência da artista (11)

Neste conjunto, havia espaço para muitas brincadeiras como bolinha de gude, rodar bombril aceso na vara com barbante, o famoso pique esconde nas sextas-feiras à noite, e o inesquecível futebol no campinho de terra batida. Além disso, participávamos de novenas e aniversários nos apartamentos, ocasião em que se as pessoas se espremiam nos pequenos espaços.

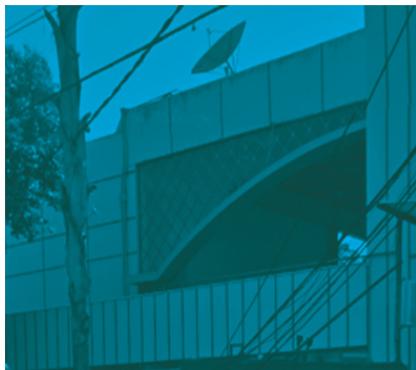
Tratava-se de uma região próxima de algumas vilas, onde, inclusive, morava uma moça que prestava serviços na minha casa. Márcia, como se chamava, era legal, e levava eu e minha irmã à casa dela para esperar nossa mãe retornar do serviço. Ela nos deixava à vontade em sua casa, para brincar com os vizinhos, brincadeiras que envolviam terra e brita, além de permitir que nós subissemos as escadas para, de lá, depararmos com a vista geral da vila.



Casa de Márcia Rua Laércio Aroldo Miranda.
Bairro São João Batista, BH (12)



Em contrapartida, eu estudava num colégio da região nobre da capital mineira, que me proporcionou estar ao lado de colegas e amigos de poder aquisitivo alto. Muitos deles usufruíam de vários bens e moravam em lugares onde luxo e a ostentação se faziam presentes.



Colégio Promove Pampulha, Avenida Alfredo Camarati, 121 - São Luiz, MG (13)
Coordenadas do Colégio: 19°51'51.8"S 43°58'32.8"W Período: 1996 a 2007

Embora criança, naquela época eu sentia uma certa inquietação com essas duas realidades sociais contrapostas. De um lado, nas casas grandes e luxuosas, onde eu ia brincar com os colegas, deparava-me com a frieza do tratamento indiferente que me causava solidão e desconforto. Por outro lado, nas casas dos meus vizinhos, eu sentia o agradável aconchego na nítida relação amorosa entre todos, e, por isso, eu me sentia mais feliz.

Durante esses anos de caminhada, passei a questionar sobre essas duas realidades, a riqueza e a pobreza, a ostentação e a singeleza, a frieza e o calor, e me identifiquei com o amor e simplicidade dos lugares mais humildes.

CARTOGRAFIA DE VIDA: FAMÍLIA

Disse Cristo: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o Reino dos céus.” O artista, que se assemelha bastante à criança durante toda a sua vida, é frequentemente mais apto que ninguém para perceber a ressonância interior das coisas. (KANDYINSKY, 1996, p.143)

O incentivo que recebi dos meus pais para a arte é marcante na minha vida como artista. Esse incentivo refletiu na minha prática artística que me fez usar a liberdade criativa para desenvolver desde então o meu trabalho.

Minha mãe, professora de artes numa escola municipal e com pleno domínio dos fundamentos e técnicas de desenho, sempre ressaltou que eu deveria desenhar experimentando sozinha e, com liberdade, a linguagem do desenho.

Meu pai, médico, sempre foi apaixonado pela arte e pintava, a óleo e nos dava oportunidade de fazer com que o desenho não só se enquadrasse nas nossas brincadeiras, mas também fizesse rotina do dia.

Ele permitia que os azulejos do seu banheiro social servissem de tela para que nós desenhássemos neles com canetas de retroprojetor. O grande número de azulejos manchados me fazia enxergar os rabiscos, traços, linhas, manchas e sobreposições ou até mesmo imaginar neles estruturas ou criaturas. Hoje, vejo que a modulação dos azulejos se organiza a maneira de um plano cartográfico com seu grid, quadrantes e pontos referenciais.

“A criança é plena, transbordante de imagens que a afligem, das quais precisa se libertar para encontrar seu caminho no mundo. Desenhar é necessidade biológica para ela! Desenha como anda, como fala! Precisa expressar o que é visto, desejado, sonhado, o que é hostil e o que é amistoso, precesa transformar, exorcizar, prender. Seus desenho são incompletos, ainda a caminho, simples como o seu espírito.” (KLEE, 1959, p. 84) (14)



Desenhos no banheiro social do meu pai. 24/08/1998

Observando esse registro de infância, pude perceber indícios estruturais do que é hoje minha produção artística. A estruturação nesses trabalhos da infância é feita do ponto de vista do quadrante.

2.2. VILAS: CARTOGRAFIA DE VIVÊNCIAS

“A vivencia pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência” (DERDYK, Edith, 1994 p. 11)

No ano de 2014, trabalhei na Escola da Municipal Aurélio Pires de Belo Horizonte através do Programa Escola Integrada. Lá, realizávamos oficinas de arte que me proporcionaram um contato e aproximação com muitas crianças moradoras de periferias. Numa dessas oficinas resolvi buscar melhor interação dos alunos, devido a grande dispersão da turma. Propus a eles que cada qual construísse a casa onde moravam e, para tal, utilizassem o papelão como matéria prima.



Vila construída pelos alunos da Escola Integrada, em julho de 2014

Tamanho foi o interesse que a resposta dos alunos foi imediata. Para minha surpresa, não construíram apenas a casa, mas tudo aquilo que havia em seu entorno, tais como os bares, a casa do vizinho e, consequentemente, a comunidade.

Vale ressaltar que os aglomerados começaram a existir no Brasil no século XIX, especificamente no Rio de Janeiro e São Paulo, e, posteriormente, essas

ocupações se fizeram presentes em todas regiões do país. Hoje, até mesmo em cidades do interior, existem aglomerados que se localizam não só em regiões periféricas, mas também em regiões nobres da cidade.

Em Belo Horizonte, são cerca de 169 aglomerados espalhados pela capital, que chegam a abrigar cerca de 13% da população.

Como se verá adiante a partir da década de 1980 uma série de programas foram sendo implantados nessas áreas, transformando sua situação urbanística e reduzindo significativamente os problemas de infra-estrutura e saneamento básico.

Por outra lado, é cada vez maior o número de famílias que, nascidas e crescidas nas favelas, não desejam mudar-se de suas comunidades e afirmam categoricamente as vantagens do “morro” em relação ao “asfalto”.

De qualquer forma, o imaginário coletivo continua identificando favela por seus traços estereotipados e exagerados, independente de encontrarem ou não eco na realidade. (LIBÂNIO, 2007, p. 17)

Observa-se, por meio dessa realidade, que milhões de brasileiros vivem nessas periferias que retratam situações conflitosas como o tráfico de drogas, violência exacerbada, prostituição, pobreza, falta de saneamento básico e falta de questões mínimas de limpeza.

Apesar desses problemas, busco evidenciar na presente pesquisa não só a arquitetura das construções, mas, sobretudo, as relações interpessoais que mostram-se verdadeiramente relevantes, como relatado acima.

A importância do território para os habitantes da periferia é maior do que deixam antever as reportagens sobre moradores em fuga do tráfico e a construção social de uma imagem do eterno migrante sem laços mais vinculável, de fato, à população de rua.

Em sua grande maioria oriunda de cidades do interior de Minas ou de estados do Nordeste, os moradores das vilas e favelas em Belo Horizonte enxergam, apesar de quaisquer problemas, seu local de moradia como uma conquista. Defender a casa com unhas e dentes, às vezes às expensas da própria vida, recusar-se a mudar a não ser em casos extremos, construir com as próprias mãos o seu lar e edificar laços de vizinhança duradouros são as regras e não exceções nas vilas e favelas. (LIBÂNIO, 2007, p. 21)

O levantamento evolutivo mostrou importantes descobertas feitas pelo homem sobre o seu território e, evidenciou a relevância da exploração do território habitado, por isso, como artista, descobri a importância de explorar o território da imaginação através do desenho e fazer novas descobertas sobre esse.



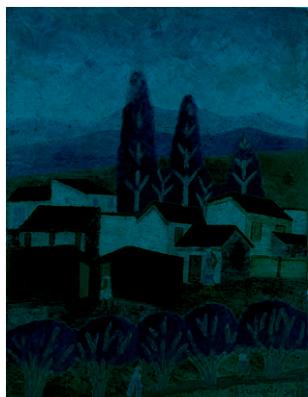
Morrinho, MAR,RJ 2016 (15)

Chamada de Morrinho, esse é um projeto que iniciou com Nelcirlan Souza de Oliveira, em 1997, quando tinha 14 anos; ele começou a reproduzir o lugar onde morava com caixas de papelão e tijolos. Esse projeto já rodou o mundo e nasceu para “desafiar a percepção popular das favelas brasileiras”, mostrando que a favela é um espaço de grande riqueza cultural e social, não só de violência.

Outro artista que aborda o tema alusivo à arquitetura popular é o artista mineiro Lorenzato (1900-1995). O artista apresenta, em grande parte de suas obras, o registro de lugares humides, com muitas casas, onde estão presentes seus moradores. Além disso, registra as atividades que esses habitantes estão realizando, ou seja, uns carregam bacia, outros entrando dentro de casa, crianças soltando pipa, enfim, explora de maneira lúdica e plástica a rotina desses lugares e seus habitantes.

(Lorenzato Natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, descendente de italianos, Lorenzato vive a infância no Brasil. Após a 1^a Guerra Mundial (1914-1918), retorna à Itália. Passa muitos anos lá e na 2^a Guerra Mundial retorna à capital mineira. Em 1956 sofre um acidente e é obrigado a se aposentar. Passa então a dedicar os seu tempo à pintura. Lorenzato retira seus temas da realidade cotidiana tanto nas paisagens quanto nas naturezas-mortas e retratos.)

Amadeo Luciano Lorenzato
Casas e Árvores
1971
(16)



Amadeo Luciano Lorenzato
Dia Feliz
1973.
(17)

Nas comunidades periféricas, minha atenção se volta para as casas. Casa como unidade fundamental, lugar onde os moradores se refugiam do frio, do cansaço, dos problemas e da dor, onde eles carregam e descarregam as energias, onde se cuida, se ama, se mata a fome e a saudade de alguém, onde se desfruta os sentimentos, as lembranças e os sonhos vividos.

As vilas acolhem os indivíduos de baixa renda, aqueles que, na sua maioria, são excluídos da sociedade e não querem morar na rua. Querem, na verdade, viver dignamente dentro de um espaço onde a família pode trabalhar e viver como todas as outras. Geralmente, elas se instalaram em lugares de difícil acesso e, mesmo assim, suas casas se abraçam, becos e escadas sobem o morro e levam as pessoas até suas casas.

No decorrer da pesquisa, identifiquei-me com o artista suíço Paul Klee (1879-1940). Klee dedicou-se em expressar através da linha, do plano, da tonalidade e da cor o seu pensamento criativo. Ele, em seus trabalhos, manifestou seu olhar particular, seu mundo interior. Em alguns deles, também, apresenta o estudo de casas e de construções da cidade. Na sua fase adulta, viveu o terror da Primeira Guerra Mundial e, registrou em seu diário:

Não devemos nos dececer vermo-nos envolvidos no meio de elementos mais indigestos, temos apenas que esperar que as coisas mais difíceis de assimilar não venham perturbar o equilíbrio. Desta maneira, a vida é com certeza mais apaixonante que uma vida burguesa muito ordenada. E cada um é livre de, de acordo com os seus gostos, escolher entre o doce e o salgado dos dois pratos da balança. (KLEE, 1938, p.1282)



Paul Klee, Jardim de Rosas, 1920 (18)



Paul Klee, A Cidade sonho, 1921 (19)



Com um olhar voltado para as comunidades e sensibilizada pela realidade de cada uma delas, recebi o convite de um amigo para frequentar as reuniões da Sociedade São Vicente de Paulo. Descobri que essa instituição, instalada em mais de 143 países e sobrevivente há 186 anos, tem como objetivo livrar da pobreza física e espiritual as famílias necessitadas.

Em visita feita à Vila Santa Rosa, tive a oportunidade de andar pelos becos e visitar casas de mais de 20 assistidos. A partir de então, sensibilizada com aquela realidade e, movida pelo entusiasmo, tornei-me consócia da SSVP em 2014.

Ingressar na Sociedade São Vicente de Paulo aditou uma experiência ímpar no campo dessa vilas, quando, in loco, colhi muitas manifestações de amor, carinho, respeito por parte das pessoas que lá residem. Isso aguçou ainda mais a vontade de expressar e retratar, através do meu trabalho, a vida dessas comunidades, tal como fez Lorenzato e Paul Klee.



Vila Everest,
Junho de 2015





Vila Santa Rosa
Fevereiro de 2015



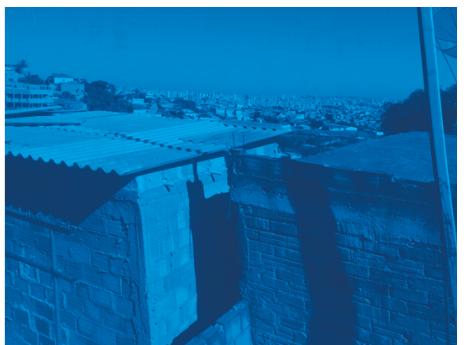
1º de Maio,
Maio de 2015



Morro do Papagaio,
Abril de 2015



Taquaril
Abril de 2015





RECONSTRUINDO A CARTOGRAFIA

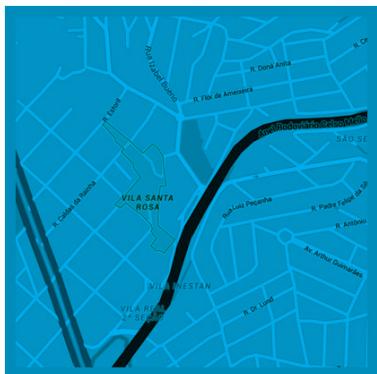


3.1 RECONSTRUINDO

A CARTOGRAFIA DAS VILAS

"Para me desembaraçar das minhas ruínas deveria voar e voei".
(KLEE, 1915, Diário 952)

As várias visitas às casas de famílias carentes de aglomerados da capital mineira, principalmente na Vila Santa Rosa, trouxeram-me a inspiração de desenvolver um trabalho que tem como elemento fundamental a vila.



Coordenadas
da Vila Santa Rosa
19°52'20.1"S 43°57'04.6"W (16)

Nesse período, meu olhar voltou-se também para questões peculiares de cada local, alimentando meu processo de criação artística. Nessas prospecções haviam muitos detalhes visuais que não passavam despercebidos, como as características de cada casa, com suas portas, janelas, revestimentos, telhados, caixa d'água, os varais estendidos nos pequenos espaços, as antenas e as “gambiarras” para sustentá-las nos estreitos becos onde elas foram erguidas.

As experiências dentro da vila fazem parte do processo de cartografar esses lugares, uma vez que é nelas que elejo componentes que me chamam atenção para reconstruí-los nos meus trabalhos.

Inicialmente, foi difícil a escolha de uma linguagem para expressar tantos sentimentos. Poderia ter optado pela colagem, fotografia, gravura ou pintura, mas, depois de algumas experimentações, optei pela linguagem do desenho. O desenho não só me proporciona certa facilidade e liberdade, como também registra aspectos muito pessoais que revelam o modo como trabalho.

Buscar transpor as atividades marcantes, interrompidas em determinado momento de vida, para o universo do desenho é, de certa maneira, procurar complementá-las, buscar tocá-las, acariciá-las. De certo modo, tornar avê-las. (GUIMARÃES, 2003, p.76)

Vale ressaltar, também, que tive receio de me distanciar da ideia originária, as vilas. De certa forma era frustrante, pois, enquanto desenhava, as mãos se prendiam à ideia que guardara das características delas. Além disso, o material coletado, tais como fotografias, vivências e lembranças, me impediam de explorar a imaginação. Dessa forma, sentia que o desenho que fazia era recurso de rememoração, criação, ficção.

Os primeiros trabalhos retrataram vilas sem vida, pois, apesar de apresentarem os elementos inerentes a qualquer lugar habitado, elas se mostram como espaços abandonados pelos viventes, onde as casas parecem se erguer sozinhas, sendo possível visualizar alguns poucos animais, como aves e cachorros sobreviventes.

Os desenhos iniciais pareciam revelar a realidade e o fantástico. Na verdade, não era nem um nem outro, o que parecia era que os habitantes tinham medo de morar nas vilas que eram tão próximas da realidade.

Mas qual seria a razão para a evacuação desta população nos meus desenhos? Por que as vilas foram desabitadas?

Para elucidar melhor essa questão, convido o leitor a fazer uma visita a cada um desses lugares.



Isabel Guedes, Vila desabitada, 2015, Nanquim sobre papel, colorida digitalmente.



Isabel Guedes, Vila desabitada, 2015, Nanquim sobre papel, colorida digitalmente.

Todo esse receio estava ligado a um profundo apreço que adquiri por esses lugares. A minha vontade utópica era poder contribuir na modificação e melhoria dessas realidades e das famílias necessitadas, de ajudar as inúmeras crianças presentes nas vilas. Diante dessa impossibilidade, vejo que a minha contribuição se dá na prática artística, quando faço a reconstrução desses territórios a partir de uma visão muito pessoal e sensível.

As coisas não imaginadas carecem de existência, como aqueles montículos funerários turcos visíveis mas não vistos, até Schliemann imaginar quase tratava das ruínas de Tróia, ou aqueles muros degradados que só adquirem vida depois de terem sido cobertos de graffiti. A imaginação salva a realidade do reino inefável dos fantasmas. (MANGUEL, 2013, p. xiii)

Vi que, somente abandonando a realidade e entrando no mundo da imaginação, conseguiria expressar o que realmente almejava para as vilas. Assim, tentei, através do desenho, reconstruí-las, transportá-las e recriá-las da minha forma, carregando-as de significados.

A partir de então, os desenhos foram modificando-se e ganharam vida com a volta dos habitantes que, ao reaparecerem, começaram a ocupar e legitimar os espaços, deixando-os carregados de intimidade e singularidade. Nas minhas vilas imaginárias, passa a acontecer uma série de cenas e fatos, mostrando assim a riqueza desta narrativa imaginária e, fazendo acontecer a restauração plena das vilas como espaço de convivência, de harmonia, de sonho e de poesia.

Todo o trabalho, portanto, é fruto da análise e exploração desses territórios com tudo que eles têm para oferecer, ou seja as estórias de seus habitantes, o papel que cada um exerce no seu espaço e, consequentemente, o reflexo/impacto deles na minha vida e prática artística.

3.2 A EVOLUÇÃO DOS DESENHOS

É o desenho como conflito, como caos, como espaço das soluções irresolúveis. É o desenho como “afirmação tênue, mas determinada da liberdade do desenhador”. É o espaço do erro, da dúvida, sem outro juiz que não ele próprio. É o espaço da autenticidade, o espaço da verdade. (BISMARCK, 2000, p.3)

Ao iniciar um desenho, tento me esforçar para tirar meus pés do chão e, ao desprender-me dessa realidade, a imaginação passa a pilotar minhas mãos, e o lápis é levado para fazer uma viagem pelo suporte.

O acaso também assume uma importante posição, pois, a todo o momento, observo o suporte e vejo nele, accidentalmente, linhas, rabiscos, esquemas. Começam então a aparecer um telhado, uma janela, uma escada, uma torre de energia, animais. Então, essa linha pode se tornar um rabo de pássaro, a mancha pode se tornar um poste de luz e um rabisco pode ser um habitante da vila.

Assim, vão surgindo ideias, cenas, fragmentos extraídos de vários lugares, de contextos de vilas reais que são aglutinados em um único espaço, para dar lugar a uma vila imaginária. Ela é constituída com partes avulsas de muitas outras vilas reais que guardei inconscientemente durante as minhas vivências neste lugar.

Quando alguma coisa escapa da nossa consciência esta coisa não deixou de existir, do mesmo modo que um automóvel que desaparece na esquina não se desfez no ar. Apenas o perdemos de vista. Assim como podemos, mais tarde, ver novamente o carro, assim também reencontramos pensamentos temporariamente perdidos. Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes (JUNG, p. 311, 1964) (21)

Com o lápis grafite, consigo desenhar várias vezes sobre o meu próprio desenho, adversando, sobre ele. Um dos objetivos de sobrepor camadas é fazer com que o desenho ganhe volume, profundidade e densidade.

Assim como a construção de uma casa requer várias etapas, ou seja, a fundação, as paredes, a cobertura e os acabamentos, a edificação das minhas vilas imaginárias requer a construção de várias camadas de grafite, fazendo com que uma camada dialogue e complete a outra, proporcionando a prática experimental do desenho.

As vilas começam a surgir com os tons mais fracos de cinza e isso ocorre com o uso do lápis 2h. Este, por ser duro, sulca a superfície da folha, traçando nelas apenas as linhas iniciais. Podemos classificar essa primeira etapa como sendo a estruturação do desenho da vila, o que pode ser classificada como sua pedra fundamental.

Após sua estrutura, quando o papel já estiver maculado com sua identidade e ativado como espaço de criação, parto para os detalhamentos e texturas construídos através da variação da maciez do grafite, até chegar ao uso do lápis 9B.

É difícil, às vezes, saber quando devo parar de sobrepor no papel novas camadas, o que me levou, em várias ocasiões, a saturar-me e retirar um pouco do grafite com borracha.

O desenho se desdobra como em um ritmo a cada traço, sua essência, sua melodia. O grafite se aventura e sua diversão é o papel. Ele brinca nas mãos. Mesmos nas mãos já tão cansadas da razão, do concreto e, aí, busca um vestígio deixado pela minha imaginação.

Dessa forma, as vilas resistem na mente da criança esquecida do adulto. Elas expressam o meu interior, lugar onde vivo e que são fragmentos dos meus sonhos, flashes, lapsos de memória. Desenhar essas vilas me fez esquecer a realidade farta de tanta miséria, cartografada e explícita. Meus olhos já não se voltam para o que sei, não sei.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há de ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. Mas eu estava a pensar em achadouros de infâncias. Se a gente cavar um buraco ao pé da goiabeira do quintal, lá estará um guri ensaiando subir na goiabeira. Se a gente cavar um buraco ao pé do galinheiro, lá estará um guri tentando agarrar no rabo de uma lagartixa. Sou hoje um caçador de achadouros de infância. Vou meio dementado e enxada às costas a cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos. Hoje encontrei um baú cheio de punhetas.....(BARROS, 2010,p. 67) (22)

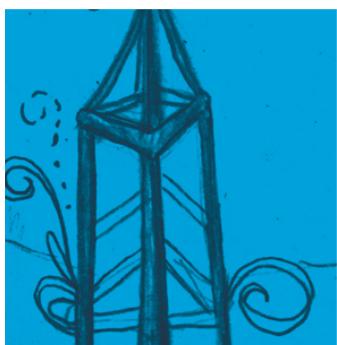
3.3 As Vilas e suas estórias emergentes

Depois que finalizei a edificação desta série de desenhos das vilas, observei-os bastante e resolvi revisitá-los. Ao adentrar nestes lugares, tornei-me um habitante das minhas vilas imaginárias. Durante essa expedição, andei a esmo e levei alguns instrumentos para conhecer melhor cada esquina. Assim como os cientistas estão acostumados a utilizar uma série de tecnologias, como lunetas, telescópios para observar o território, utilizar das ampliações, recortes e, através deles, foi possível realizar algumas análises deste território imaginário.

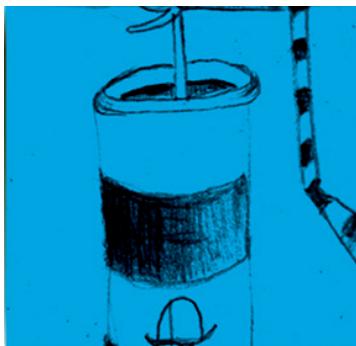
Como uma moradora, perambulei por seus becos, zanzei por suas vielas e conheci um pouco de cada habitante e como viviam por lá.

Assim, pude perceber a recorrência de alguns elementos nos desenhos tais como os varais, as torres de energia, os postes, os cachorros, árvores, caixas d'água, faróis e antenas televisivas. Tais elementos são transportados por sua presença nas vilas reais de Belo Horizonte que visitei e tratei anteriormente no corpo desse texto.

Apesar de existir uma certa recorrência dos elementos constitutivos dos desenhos das vilas, não há um componente igual ao outro, uma vez que, embora tenham o mesmo significado, apresentam características singulares e cada vila apresenta um conjunto bem peculiar deles.



Torres de luz



Faróis



Árvores



Caixas d'água

Como habitante das vilas imaginárias, andei despreocupado pelas calçadas das ruas estreitas da vila. Fui um flâneur em meio às vilas tão misteriosas e cheias de suas criaturas estranhas. Só assim, comprehendi a essência de cada morador, de cada construção, com o olhar vagabundo lançado sobre esses lugares imaginários.

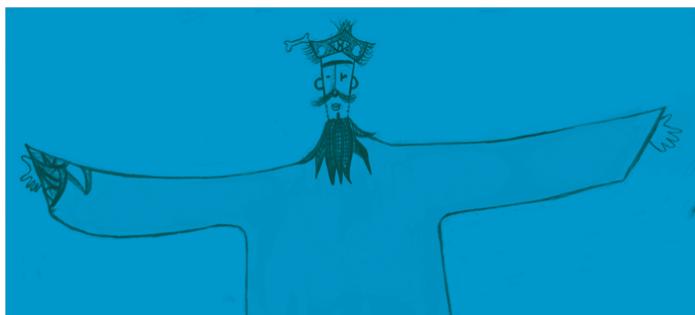
O flâneur é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risonha, falando aos notáveis e aos humildes com docura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão...

O flâneur é ingênuo quase sempre. Pára diante dos rolos, é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. (RIO, 1908 ,p. 3) (23)

Andando a esmo pelas vilas conheci alguns de seus habitantes. Eles são criaturas bem curiosas e demoraram me contar um pouquinho de suas vidas, pois são, em sua maioria, reservados. Esses moradores se abrigaram nessas vilas à procura de um lugar onde pudessem viver melhor, com mais sossego e onde tivessem mais esperança. Dentre esses apresento primeiramente:

Sr. Gildo

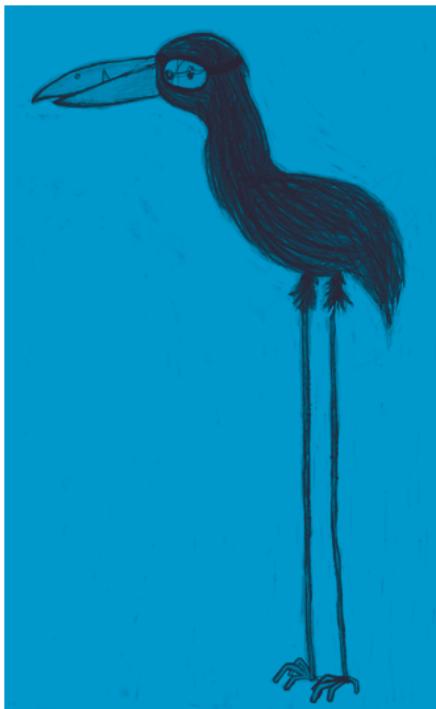
Foi ele quem construiu a vila. É um Senhor de braços longos que os utiliza para abraçar paternalmente os moradores, distribuindo-lhes a alegria que lhe é inherente.





O Pão

É um andarilho que perambula pelas ruas da vila, distribuindo pão, apresentando-se sempre com seu cãozinho Manteiga que faz questão de costurar suas roupas.



O Pássaro mensageiro

Pássaro guloso de quatro olhos que vive anunciando boas notícias pela vila, e, por isso, tem como recompensa seu alimento.

Associei esta estratégia ao artista belga Pieter Bruegel (1525-1569) que viveu no Renascimento, época de avanços cartográficos muito importantes, e costumava pintar nas colinas, gostava muito de explorar um olhar mais panorâmico da vida de uma cidade. Em 1559, pintou "Provérbios Flamengos" onde registrou um povoado imaginário com muitos acontecimentos. Para cada cena Bruegel fez versos, chegando, ao todo, em cem provérbios.

Bruegel retratou a estupidez dos vadios como nenhum outro pintor havia feito. Embora a inutilidade de atacar um muro seja óbvia, o artista se deliciou imaginando que tipo de idiota faria tal coisa. O tolo veste couraça e segura uma espada, enquanto o resto do traje é menos marcial. Há uma atadura em sua perna, sugerindo que ele já tenha se ferido em outra aventura ridícula. (27)



"BATER A CABEÇA
NO MURO"



Pieter Bruegel, O Velho, 1559,

Assim como Bruegel escreveu pequenos textos para cada cena que retratou, fiz para cada ampliação dos meus desenhos um pequeno texto para contar o que se passa neste recorte, ou seja, se há um acontecimento, se há algum habitante, ou apenas construções e seus mistérios. Eses textos foram ganhando fôlego e apresento-os neste ensaio visual que é uma reunião de textos e estórias das vilas Consolação, Vida, e Pão.

A reunião de imagens e textos foi feita com intuito de melhor apresentar o objeto de estudo na pesquisa, os meus desenhos. Esse ensaio apresenta três desenhos principais e envolve quatro ampliações e quatro textos de cada um.

A grande maioria das cenas envolve os habitantes e os acontecimentos que ocorrem na vila. Narro a vida na vila de uma forma poética, visando fazer com que haja compreensão e uma relação mais íntima com esses lugares. Visualizando o desenho e os seus respectivos planos detalhes de uma forma mais abrangente, podemos observar a vila de uma forma mais profunda.

Cada habitante dá boas vindas aos leitores, e as vilas imaginárias agradecem a sua visita.

Conclusão

Conclusão

A pesquisa teve como objeto de estudo uma série de desenhos, cuja produção se desenvolveu quando o meu olhar se desprendeu do mundo físico e chegou ao mundo imaginário.

Com os escritos de Manguel, compreendi que havia possibilidade de transformar o imaginário em real e que lugares imaginários não precisavam ser físicos para ter lugar no mundo, bastando ter presença dentro de cada um de nós para se tornarem reais.

A partir daí, minha produção pode ser vista de forma mais abrangente/ampliada, ou seja, não apenas como desenhos e, sim, como um potente elemento construtivo de conhecimento, apreensão e releitura do mundo.

Compreendi que a memória, associada ao imaginário, guarda uma porção de experiências pregressas da infância e da adolescência e que isso pode ser um eficaz instrumento potencializador da prática artística.

Fato é que, tal percepção, fez com que minha produção se amparasse na imaginação, uma vez que, não podendo mudar os aglomerados fisicamente, pude recriá-los através da minha prática artística.

Logo, a reedificação das vilas, através da experimentação de técnicas, materiais e linguagens, fez com que eu produzisse uma série de desenhos explorando o meu imaginário, que toma como território o meu mundo interior.

É neste mundo particular que seres misteriosos vêm à tona, expressam alegria, inocência e fé. Assim, ao permitir que uma folha de papel seja habitada por essas cartografias/geografias/paisagens, reconheço nelas um potente espaço de instauração da minha poética.

E agora, o que fazer desta experiência? Pretendo levar adiante essa temática das vilas imaginárias, fazendo uso de novas técnicas.

ACASO, ILHA DO,

Situada ao largo da costa dos Estados Unidos, perto da Ilha da Fortuna. Nela, os terramotos são frequentes. Aqui, tudo parece ser deixado ao acaso, e todo o tipo de monstros é produzido por uma natureza que ainda parece estar num estado infantil de experimentação. Na Ilha do Acaso as pessoas nascem com patas de cavalo em vez de mãos; são consideradas tão estúpidas como cavalos e deixadas nos campos a pastar. Por outro lado, os cavalos nascem com mãos humanas e criaram oficinas e lojas. Também conseguem tocar instrumentos musicais, tendo-lhes a sorte dado os membros que outros países proporcionaram ao homem um estatuto superior. Há uma floresta na zona meridional da ilha habitada por novas espécies de animais cujos corpos são combinações fortuitas de órgãos – dois ou oito dedos, uma boca vertical, olhos na nuca, tudo de uma forma aleatória. As espécies animais multiplicam-se de forma imprevisível. Em certos anos há excesso de crocodilos, outros escassez de animais domésticos. Crê-se, contudo, que o acaso conduzirá a um mundo perfeito no qual todos os animais falarão; preparando-se para isto, os animais já estão a ser ensinados a ler e a escrever por professores que usam a linguagem gestual. Os visitantes vão gostar de participar num jogo em que diversos dados de oito faces, com letras de cada um dos lados, são colocados numa caixa, agitados e lançados. O vencedor é o jogador que, por acaso, componha o maior número de palavras e frases. Em 1789, um terramoto fez com que a caixa dos dados caísse: as letras dos dados formaram o discurso de Luís XVI aos Estados Gerais.

Abbé Balthazard, *L'Isle des Philosophes et Plusieurs Autres, Nouvellement Découvertes, & remarquables par leur rapports avec la France actuelle*, Chartres, 1790

BIBLIOGRAFIA MANIPULADA

ALBERTO José A criança de sempre : o desenho infantil e sua correspondência na busca do artista adulto, Belo Horizonte, Fundação Cidade da Paz, Universidade Holística Internacional de Brasília, 1988,102p.

CALVINO. Italo. Cidades Invisíveis. São Paulo. Companhia das Letras. 2^a Edição, 2003, 150p.

DERDYK. Edith. Formas de pensar o desenho. Desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo. Editora Scipione. 2^a Edição. 1994. 239p.

EDWARDS. Betty. Desenhando com o Artista Interior. São Paulo. Editora Claridade. 2002. 243p.

KANDINSKY, Wassily. Do Espiritual na arte. Do espiritual na arte e na pintura em particular. 2^º edição. São Paulo. Martins Fontes. 1996. 284p.

KLEE Paul.Sobre a arte moderna e outros ensaios. Ed. Zahar Rio de Janeiro 2001. 126p.

KLEE Paul, 1879-1940 Susanna Partsch.1^a Edição Editora: Benedikt Taschen, 96p.

LIBÂNIO, Cláisse. Favela é isso ai Prosa e poesia no morro Pensando as favelas de Belo Horizonte. Editora: Voltz. Belo Horizonte. Belo Horizonte. 2008. 187p.

MANGUEL. Alberto. Dicionário de lugares Imaginários. 1^ºEdição. São Paulo. Companhia das Letras. 2003. 495p.

SITES

- Entrevista com Alberto Manguel Acesso 12/11/2015 <<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/num-atlas-imaginario-podese-tudo-e-sedentario-e-nomada-alberto-manguel-o-seu-lugar-e-uma-ilha-deserta-cheia-de-livros-numa-aldeia-de-franca-328875>>
- O pensamento criativo de Paul Klee Acesso 03/01/2016 <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n21/a01n21.pdf>>
- Edição Portuguesa “Dicionário de lugares imaginários” Acesso 10/12/2015<<http://static.publico.pt/docs/ipad/dicionariodelugaresimaginarios.pdf>>

TEXTOS ACADEMÍCOS

- BISMARCK Mario *Desenhar é o desenho* 2000 Acesso em 03/02/2016 <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/19089/2/5448.pdf>>
- GUIMARÃES Humberto *Reflexos da memória: do desenho* (Mestrado Universidade Federal de Minas Gerais, 2003)
- FREITAS Maria Isabel. *Da cartografia analógica à neocartografia* 2014 Acesso 04/01/16 <<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/85547>>

BIBLIOGRAFIA CITADA

(1) -Linha do tempo

* Disponível em 28/05/2016 <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?partid=1&assetid=32436001&objectid=362000> Acesso em 28/05/2016.

** Disponível em <http://cartographic-images.net/Cartographic_Images/100_Town_Plan_from_Catal_Hyuk.html> Acesso em 28/05/2016.

*** Disponível em 28/05/2016 <<http://www.mapas-historicos.com/cartografia-historia.html>> Acesso em 28/05/2016.

**** Disponível em 28/05/2016 <<http://www.mapas-historicos.com/index.html>> Acesso em 28/05/2016.

***** Disponível em 28/05/2016 <<http://www.mapas-historicos.com/mundo-ptolomeu.html>> Acesso em 28/05/2016.

(2) – Rumos da cartografia portuguesa

Disponível em <<http://pt.slideshare.net/liliana33lipinto/1-cartografia-em-portugal>> Acesso em 31/05/2016.

(3) – Citação Aristóteles

Disponível em <<http://www.amskepler.com/johannes-kepler/>> Acesso em 10/06/2016.

(6) - Joãozinho e Margarida (Hansel e Gretel), Disponível em http://www.grimmmstories.com/pt/grimme_contos/joao_e_maria, Acesso em 01/05/2016.

(7) - Coordenadas geográficas Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/matematica/coordenadas-localizacao-absoluta.htm>, Acesso em 23/05/2016.

(8) - Idem (5)

(9) - KLEE Paul Sobre a arte moderna e outros ensaios Ed.Jorge Zahar Rio de Janeiro 2001

(11) - Condomínio D. Pedro II localização, Disponível em https://www.google.com.br/maps/place/Condom%C3%ADnio+Residencial+Dom+Pedro+II/@2001-19.8219071,-43.9585909,15z/data=!4m2!3m1!1s0x0:0xf922dbac4b1cc12d?sa=X&ved=0ahUKEwiRgsuPy53NAhWJ1h4KHUEpCBsQ_BllajAK Acesso 26/05/2016.

(12) - Casa da Márcia localização, Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/R.+La%C3%A3o+Residencial+Dom+Pedro+II/@-19.8201887,-43.9645718,670m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa68fe78e5fdacf:0x8553426d-03c858e5!8m2!3d-19.8202298!4d-43.9623863> Acesso em 26/05/2016.

- (13) – Colégio Promove Pampulha localização, Disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Col%C3%A9gio+Promove+Pampulha/@-19.8642021,-43.9780083,670m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0xa690f9216bb605:0x9e4cf740b726dd7!8m2!3d-19.8642072!4d-43.9758196> Acesso em 26/05/2016.
- (14) - KLEE Paul Sobre a arte moderna e outros ensaios Ed.Jorge Zahar Rio de Janeiro
- (15) Museu do MAR,Rio Disponível em <http://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/multimidia/todos> , Acesso em 01/05/2016.
- (16) Amadeo Luciano LORENZATO, Casas e Árvores, 1971, Óleo sobre eucatex, 60 x 46 cm Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/543739354987546656/>, Acesso em 01/06/2016
- (17) Amadeu Luciano Lorenzato 1973. Óleo sobre eucatex. Dim: 41 x 36 cm Disponível em <http://www.catalogodasartes.com.br/Foto.asp?sPasta=@Obras&Imagem=Andr%E9a%20Martins%20da%20Silva/AgnaldoGalleryLeilao09-10-07item%20140.jpg>, Acesso em 01/06/2016.
- (18) Jardim de Rosas, 1920, KLEE, Paul Disponível em <http://pt.wahooart.com/@@/8XYQLN-Paul-Klee-rosa-jardim>, Acesso em 09/06/2016.
- (19) A Cidade sonho, 1921, KLEE, Paul Disponível em <http://pt.wahooart.com/@@/5ZKDVQ-Paul-Klee-sonho-cidade>, Acesso em 09/06/2016.
- (20) Vila Santa Rosa, Acesso 27 de maio 2016. Google earth, disponível em <https://www.google.com.br/maps/place/Vila+Santa+Rosa,+Belo+Horizonte++MG/@-19.8720579,-43.9530024,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xa69086f607c483:0x749dc740c29af42a!8m2!3d-19.8725201!4d-43.9505331>
- (21) O Homem e seus Símbolos Carl G.Jung Disponível em <http://clinicapsique.com/wp-content/textos/C.%20G.%20Jung%20-%20O%20Homem%20e%20seus%20Si%CC%81mbolos.pdf>
- (22) Memórias inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros, São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. p. 67)
- (23) A alma encantadora das ruas, RIO, João. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/alma_encantadora_das_ruas.pdf Acesso em:01/06/2016.
- (24) Pieter Bruegel Disponível em <http://memoriasdopresente.blogspot.com.br/2013/12/pieter-brueguel-o-velho-e-os-proverbios.html> Acesso em 02/06/2016.



